



Revista Internacional de
Folkcomunicação
E-ISSN: 1807-4960
revistafolkcom@uepg.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Brasil

S. da Cunha, Sonia Regina
Entrevista com Renato Ortiz
Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 15, núm. 35, julio-diciembre, 2017, pp.
262-265
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=631768749005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Entrevista com Renato Ortiz

*Ao deixar de ser singular
a tradição perde em substância
mas ganha em representação
porque transforma-se num plural.*



Sonia Regina S. da Cunha¹

Na contemporaneidade, o politicamente correto da participação de todos enfrenta a balcanização ou fragmentação de sociedades em pequenos grupos de indivíduos que defendem os próprios interesses, bem como aumenta a hostilidade contra a imigração e o multiculturalismo. Assim, a diversidade não parece tão diversa. Nesta entrevista, o sociólogo Renato Ortiz da Universidade de Campinas (UNICAMP) explica porque a diversidade é um oxímoro, tema de seu último livro "Universalismo e Diversidade".

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo, e-mail: reginacunha@usp.br

Revista Internacional de Folkcomunicação: A diversidade é um emblema da modernidade-mundo?

Renato Ortiz: Há um problema no atual debate sobre diversidade. A maioria das pessoas trata a diversidade como se ela fosse um ser, isto é, um valor universal, uma qualidade indiscutível. Isso nos leva a um impasse pois ela é vista tanto como reconhecimento dos grupos subalternos que lutam pelos seus direitos, como uma estratégia de mercado. Como é possível aproximar dimensões tão distintas e opostas? Minha intenção no livro “Universalismo e Diversidade” (Boitempo, 2015) foi transmitir ao leitor uma perspectiva crítica. Neste sentido o que denominamos de diversidade é um meta-discurso, porque ela não se encontra efetivamente nas coisas que aponta, mas na maneira como são ressignificadas. A diversidade não é, ela alude, remete a alguma coisa. O interessante é para onde ela remete? Por isso dediquei-me a compreender a problemática num sentido mais amplo, deixando de reduzi-la à questão da identidade e da política. Digo assim que ela é um emblema que nos permite entender o mundo contemporâneo. Trata-se de um oxímoro que contém a tensão entre universalismo e diversidade. Ao interrogar o emblema posso me abrir para várias dimensões da contemporaneidade. Não se trata de negar a questão dos direitos, isso é para mim um ponto já estabelecido, mas de tratar o problema num âmbito mais reflexivo, teórico. O capítulo sobre diversidade e mercado tem um pouco essa função, retirar o leitor do senso comum em que a problemática foi sacramentada. O objetivo é despertar a dúvida e a reflexão.

RIF: As Ciências Sociais também se diversificam, como esta diversidade incide sobre a compreensão do mundo atual?

RO: Uma resposta possível seria aceitar o relativismo: cada lugar teria a sua interpretação do mundo. Mas também é possível uma outra resposta que leve em consideração as exigências das Ciências Sociais serem cosmopolitas e, ao mesmo tempo, diversas. Eu utilizo para isso a metáfora da língua (não a noção de linguagem definida por Saussure). Digo que as Ciências Sociais constituem uma língua comum mas, apesar da hegemonia do inglês, elas possuem diferentes sotaques. A questão é dialogar com o comum e o diverso. A sociedade é sempre algo contraditório. Existem grupos diferentes, assimetrias de poder, hierarquias, história de povos extintos, e é dentro disso que nos inserimos. As Ciências Sociais se voltam para a

compreensão dessas tensões e contradições. No capítulo “As Ciências Sociais e seus Sotaques” (p.37) procuro compreender como algumas transformações recentes – a questão da globalização, o debate sobre a pós-modernidade, o neocolonialismo – incidem nas Ciências Sociais.

RIF: No capítulo “Tradição e Modernidade: a linha do tempo” (p. 63) visualizo a questão da cultura popular, por exemplo, as festas de São João e Carnaval que a mídia transformou em moeda rentável. Como a tradição perde em substância, mas ganha em representação?

RO: A tradição pode assumir diferentes formas, desde as reivindicações indígenas às festas populares. O mercado é uma das instituições que irá se apropriar desta diversidade de sentidos. No contexto da modernidade nacional a questão do tempo era predominante, por exemplo, a distinção entre país adiantado e atrasado. Na construção das identidades nacionais era preciso superar o atraso temporal em relação aos países centrais. As coisas mudam com a metáfora do espaço, falamos em globalização, mundo global, local, nacional, as categorias geográficas adquirem uma dimensão, até então, insuspeitas. Por outro lado, o declínio da ideologia do progresso e a crítica ao eurocentrismo nos mostra como a linha de um tempo linear já não existe mais. Se antes tínhamos uma oposição entre moderno/tradicional, e o moderno sendo posterior e superior ao tradicional, na situação atual de globalização há uma diversificação dos dois polos. Fala-se em diferentes modernidades e diferentes tradições. Não faz sentido ordenar essas diferencialidades numa única linha do tempo. A tradição ao deixar de ser singular, transforma-se num plural.

RIF: Como pensar a diversidade no discurso político sobre imigração em especial no contexto europeu?

RO: No contexto europeu o tema da imigração é importante. Mas é bom termos claro que muitas vezes isso aparece de maneira superlativa, sobretudo através da grande mídia. O número de refugiados que existe hoje no mundo é enorme. Há conflitos no Oriente Médio, na África e na Ásia. As pessoas abandonam suas casas, seus países, suas famílias. Entretanto, apenas uma parcela deste movimento migratório dirige-se para a Europa. Por exemplo, os deslocados pela guerra na Síria e no Iraque são milhares na Europa e milhões na Turquia e países vizinhos. Porém, esse tema toca num diapasão caro às nações ocidentais: o da

identidade nacional. Quanto mais a globalização avança, mais as afirmações de identidades locais e nacionais se afirmam.

Referências

ORTIZ, Renato. **Universalismo e Diversidade**: contradições da modernidade-mundo. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.